

A VERDADE E O LUGAR DE *O AMANUENSE BELMIRO*

Carlos Versiani dos Anjos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo faremos uma análise crítica sobre a obra *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, associando-a aos chamados romances psicológicos, mas também aos romances de cunho social, predominantes na literatura brasileira dos anos 30. Trata-se de compreender como a forte e múltipla carga filosófica que emerge do narrador/protagonista torna possível se entender a obra tanto como um romance intimista, psicológico, quanto como um romance que se abre á discussão ideológica e social, numa Belo Horizonte das primeiras décadas do século XX, ao mesmo tempo moderna e interiorana.

**PALAVRAS-CHAVES:** análise crítica; Cyro dos Anjos; romance psicológico; romance social; literatura de 30.

**RESUMEN:** En este artículo analizaremos críticamente la obra *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, asociándola no sólo con las llamadas novelas psicológicas sino también con las novelas sociales, prevalecientes en la literatura brasileña de los años 30. Desde una fuerte y múltiple carga filosófica que surge desde el narrador y protagonista es posible comprender al trabajo tanto como un romance íntimo y psicológico, tal como una novela que se abre al debate social e ideológico, en una Belo Horizonte de las primeras décadas del siglo XX, al mismo tiempo moderna y tradicional.

**PALABRAS-CLAVES:** análisis crítico; Cyro dos Anjos; novela psicológica; novela social; literatura de 30.

### Introdução

Em 1933, aos vinte e sete anos de idade, um ano após se formar na Faculdade de Direito da UFMG, Cyro dos Anjos publicou no jornal *A Tribuna*, onde trabalhava como redator, várias crônicas sob o pseudônimo de Belmiro Braga, que acabariam constituindo a base para a criação do romance *O Amanuense Belmiro*. O livro seria publicado quatro anos depois, quando então ocupava, na capital mineira, a função de oficial de gabinete do governo Benedito Valadares. O romance traz como pano de fundo a realidade social dos anos 30, fornecendo um retrato do cotidiano urbano da Belo Horizonte deste período e trazendo

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela USP; Doutorando em Estudos Literários pela UFMG. E-mail: carlos.versiani@gmail.com.

referências também à conjuntura nacional, como na apropriação ficcional do contexto da chamada Intentona Comunista, de 1935.

A narrativa do romance, em primeira pessoa, se faz através da forma de um diário, escrito entre o natal de 1934 e os primeiros meses de 1936. Nele, um tímido funcionário público, vindo do interior, descreve as lembranças que evocam da sua terra natal e a sua vida cotidiana na capital mineira. Suas angústias, seus sonhos, as impressões sobre os amigos e a realidade em que vive, cobrem as páginas do diário, numa ficção que muitas vezes tangencia os limites de uma autobiografia. Existiu realmente uma Vila de Caraíbas próxima à Fazenda da Porteirinha, no norte de Minas, onde Cyro dos Anjos se criou; como Belmiro, ele também chegou a Belo Horizonte em 1924; como Belmiro ele também cedo se empregou em atividades burocráticas do funcionalismo público; e a torrente de filósofos e escritores que ilustram o pensamento de Belmiro também pertence à seara que, conforme testemunhos, marca a intelectualidade do autor.<sup>2</sup>

A recepção inicial da obra, tanto pelo público leitor quanto pela crítica, foi extremamente positiva, e apenas dez meses após a sua publicação, o livro já recebia uma nova edição da José Olympio. Ana Paula Nobile pesquisou essa recepção, catalogando nada menos que 46 textos que saíram na imprensa brasileira, ainda no ano de 1937. Nestes, destacam-se estudos comparativos com obras da mesma época e a discussão sobre as influências da literatura machadiana, além da análise da presença de elementos autobiográficos na ficção. Nota-se, na avalanche de artigos pesquisados pela autora, uma dificuldade de enquadrar o romance em uma das vertentes da nossa tradição literária, à época dominada pelos romances regionalistas e sociais. Esta dificuldade em definir “um lugar” para Cyro dos Anjos dentro da literatura brasileira seria, para Ana Novile, uma prova da originalidade e especificidade de *O Amanuense Belmiro*, e que confirmaria a relevância do estudo do romance até os dias de hoje. (NOBILE, 2005).

---

<sup>2</sup> - João Etienne Filho, escrevendo ainda em 1937, diz saber até quem seriam as pessoas reais que Cyro transforma em personagens da ficção. Já Antônio Cândido, em artigo de 1944, na *Folha da Manhã*, revela que se valeu do livro *A História da Família Versiani*, escrito no mesmo ano por Ruy Veloso Versiani dos Anjos, primo de Cyro, para encontrar a intromissão de dados pessoais do autor em *O Amanuense*: “uma corrente irreversível se estabelece entre as informações do Sr. Ruy dos Anjos e o romance admirável do Sr. Cyro dos Anjos. Entre o Cel. Antônio dos Anjos e o Cel. Belarmino Borba. Entre Maias, Cata-Pretas e Versianis. Figuras vivas, transpostas para o romance, formam-lhe o pano de fundo.” (NOBILE, 2005, 34-35).

Neste trabalho, faremos uma análise de alguns dos ensaios críticos sobre a obra, posicionando-nos em meio à polêmica sobre o “lugar” do romance de Cyro dos Anjos, no contexto e para além do contexto dos anos 30. Discutiremos a possibilidade de uma dupla interpretação de *O Amanuense Belmiro*, associando-o aos chamados romances psicológicos, como o faz a maior parte da crítica, mas também aos romances de cunho social, predominantes naquele período. No nosso entendimento, o que torna possível essa dupla leitura é a própria discussão filosófica que emerge das falas ou pensamentos do narrador: abrangendo tanto a complexidade do universo psicológico do ser humano, no aprisionamento dos seus desejos mais recônditos; quanto a compreensão da realidade política, ideológica e social dos anos 30, em uma Belo Horizonte ao mesmo tempo moderna e interiorana. Ou seja, a forte e múltipla carga filosófica do diário de Belmiro Borba é que tornaria possível se compreender a obra tanto como um romance intimista, psicológico, quanto como um romance que se abre à discussão ideológica e social.

### **O “lugar” de *O Amanuense Belmiro***

O sucesso praticamente instantâneo, de público e de crítica, do livro *O Amanuense Belmiro*, foi muitas vezes atribuído a certo esgotamento do modelo característico dos romances sociais e regionalistas da década de 30, que apresentavam personagens com pouca densidade psicológica, tipificados apenas a partir de determinada realidade social que se queria apresentar ou problematizar. Os leitores, e mesmo os críticos, então predispostos a esta modalidade de romance, em que predominavam os aspectos exteriores dos personagens, em que a motivação ideológica muitas vezes superava o esmero estético ou poético das obras, se surpreenderiam positivamente com o lirismo e a exacerbação do universo interior dos personagens de Cyro dos Anjos. O próprio autor confirmaria esta suposição, em entrevista concedida em 1991 a Afonso Henrique Fávero, para a sua dissertação de Mestrado, “A prosa lírica em Cyro dos Anjos”:

Quando apareceu *O Amanuense*, havia um cansaço da literatura nordestina, do homem do campo, do ciclo do açúcar. Aliás, com grandes escritores, como Graciliano Ramos e José Lins do Rego. O meu livro veio com outro espírito; é um livro intimista, pelo menos pretensamente psicológico, de

maneira que ofereceu um outro tipo de literatura na ocasião e realmente ele foi acolhido com muita simpatia. (NOBILE, 2005, 13).

Mas apesar da boa acolhida inicial, parte da crítica posterior, ao definir o romance como puramente intimista ou psicológico, ou ao associá-lo repetidamente à literatura machadiana, acabaria por reduzir a sua relevância ou importância estética entre as obras ficcionais dos anos 30 e 40.<sup>3</sup> Nota-se que era um momento político de grande engajamento da intelectualidade brasileira ao ideário socialista, além de existir, após a implantação do Estado Novo, toda uma cobrança por posições mais críticas à ditadura do governo Vargas. Seria natural, portanto, que os romances se enveredassem para o enfoque sociológico, a crítica social. Só que, neste processo, como lembra Antônio Candido, muitas vezes se relegava para segundo plano, em benefício de uma “verdade” histórica ou social, aspectos relativos à elaboração formal da obra. Nesse contexto, o lirismo e os dramas existenciais que prevalecem na narrativa de *O Amanuense Belmiro*, soariam destoantes, sendo o autor muitas vezes criticado por ser excessivamente gratuito, não engajado, ou não participativo. Candido afirma que a ausência de foco social levaria a crítica, por vezes, “a não reconhecer devidamente certas obras de fatura requintada, mas desprovidas de ideologia ostensiva”, como seria o caso de *O Amanuense Belmiro*. (CANDIDO, 1987, 198).

Antes de discutir a presença ou não de questões sociais no romance de Cyro dos Anjos, devemos atentar para as consequências dos equívocos a que parte da crítica acabou incorrendo, ao julgar *O Amanuense* apenas pelo viés ideológico, ou por sua filiação quase mimética à obra de Machado de Assis. Os principais equívocos estariam exatamente em condicionar demasiadamente a análise da obra à influência machadiana, e também de se atribuir a ela, pelo excesso de psicologismos, total inconsistência social ou ideológica. As consequências aí são óbvias: obliterou-se então a possibilidade de enxergar aspectos inovadores e originais da obra para a tradição literária brasileira, bem como de apreciar suas qualidades universais, dentro do moderno gênero romanesco.

Quanto à influência machadiana, cabe primeiro chamar atenção para os problemas decorrentes da utilização do conceito de “influência” em teoria literária, principalmente pelo

---

<sup>3</sup> Ana Nobile lembra que Alfredo Bosi (1994) dedica ao escritor mineiro apenas 14 linhas das 528 páginas da sua *História Concisa da Literatura Brasileira*. Enquanto José Aderaldo Castello (1999) lhe destina 20 linhas das 583 páginas do volume II de *A Literatura Brasileira: origens e unidade*. (NOBILE, 2006).

perigo de se adotar critérios muito subjetivos ao se afirmar a influência de uma obra literária ou de um autor sobre outro. Se os personagens de Machado de Assis possuem uma forte densidade psicológica; se ele se utiliza, na caracterização do ambiente urbano, de personagens que também ocupam funções burocráticas; se ele se vale, em muitas obras, do gênero memorialístico; esses elementos, por si sós, não poderiam determinar o grau de “influência” deste autor na obra de Cyro dos Anjos, pois que os mesmos se repetem, não apenas em outros autores brasileiros, mas de muitas formas, em toda a literatura mundial.

Um dos primeiros a relativizar as influências machadianas sobre *O Amanuense Belmiro* foi Antônio Candido, em ensaio de 1945 (depois transformado em prefácio de edições futuras do mesmo livro), chamando atenção para o principal ponto que distingue taxativamente os dois autores: o predomínio de um forte lirismo, de “um sentido poético especial” na obra de Cyro, característica inexistente no inigualável Machado de Assis. (ANJOS, 1975, XII). Mas é o próprio Cyro dos Anjos, ao responder à questão da influência machadiana, em entrevista de 1949, que coloca, no nosso entendimento, um ponto final nessa controversa.

Entendo que os autores não devem vir a campo para discutir a opinião dos críticos. Confesso-lhe, entretanto, que não vejo como *O Amanuense* possa situar-se sob o meridiano de Machado. Acredito que os críticos que assim entenderam deixaram levar-se por aproximações de caráter puramente formal, isto é, pela analogia entre processos técnicos empregados no *Amanuense* e nalguns dos livros de Machado de Assis. Mas nem esses processos foram invenção de Machado, pois têm sido utilizados por escritores de todas as literaturas, desde que o romance existe - nem poderiam constituir base, por si sós, para que se atribuísse a um escritor determinada filiação literária. (...) Ora, *O Amanuense* é um livro sentimental, e basta dizer isto para dar ideia de um ambiente não-machadiano. Como autor, sinto constrangimento em descer a pormenores, ocupando-me demasiado da própria obra, mas gostaria que apontassem em que *O Amanuense*, feita abstração daquelas afinidades de forma a que aludi, se contaminou do espírito machadiano (SENNÁ, 1996,197).

O segundo equívoco, mais grave, é decorrente de certo preconceito ideológico, que gerou uma cobrança de posições políticas e sociológicas de Cyro dos Anjos em *O Amanuense*; posições muitas vezes impossíveis, pelo tempo em que produziu a obra, ao autor compartilhar. Á época que foi publicado *O Amanuense Belmiro*, outubro de 1937 (estando em gestação desde 1933), não existia ditadura do Estado Novo, implantando apenas em novembro do mesmo ano. É preciso aqui abrir um parêntesis quanto a este tema. Predomina,

dentro da historiografia brasileira do século XX, uma tendência em ver todos os longos 18 anos da Era Vargas apenas sob o prisma do populismo e do autoritarismo, o que simplesmente faz relegar ao esquecimento todas as grandes transformações ocorridas na área cultural e artística a partir da revolução de 1930. Antônio Cândido, em recente entrevista, confirma a importância da entrada do operário na vida política; da maior valorização da cultura popular; da decadência das oligarquias; na inauguração do *boom* do romance social brasileiro.<sup>4</sup> (CANDIDO, 2012). Lógico que a prisão de Graciliano Ramos e a publicação de sua obra-prima, *Memórias do Cárcere*, reforçariam a associação da ditadura varguista com o romance social. Mas não devemos esquecer, por exemplo, que muitos dos nossos escritores de vanguarda integraram, não como fantoches, a linha de frente de projetos culturais de grande envergadura durante o governo Vargas, como foi o caso de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre ou mesmo Carlos Drummond de Andrade.<sup>5</sup>

Roberto Schwartz situa-se nessa linha de crítica ideológica, chegando a definir o tipo de estrutura narrativa de *O Amanuense Belmiro*, como o da “estética da acomodação” (SCHWARTZ, 1978, 15). Belmiro Borba, para ele, seria a representação de um sujeito histórico determinado: um intelectual submisso e acomodado, que na verdade compactuaria com a exploração capitalista e o autoritarismo varguista. Afinal, lembra o crítico, “o país de Belmiro, embora silencioso e filosófico, também é cheio de marechais”. Claro que se deve contextualizar a crítica de Schwartz, escrita na década de 60, em plena ditadura militar. Mas o vigor com que investe contra as posições de Belmiro, quase nos faz esquecer que se trata apenas de um personagem de um romance de ficção. Romance este que certamente, para Schwartz, não integraria o rol dos melhores brasileiros:

A postura de fino desencanto nobilita o obscurantismo, que sequer é voluntarioso ou oportunista, apenas cauteloso e cansado. Não leva a nada – é este o horror do livro. Nem a cultura garante lucidez, nem a floresta de contradições produz um conflito. Brejo das almas, porém

---

<sup>4</sup> Depoimento dado no simpósio Graciliano Ramos – 75 anos de Angústia. Esta discussão está presente em *A Revolução de 30 e a cultura*, ob. cit. Em artigo publicado em 2011, também discutimos a cultura no governo Vargas, para além dos aspectos populistas ou autoritários. (VERSIANI, 2011).

<sup>5</sup> É muito extensa a lista de artistas, arquitetos, poetas, escritores e jornalistas que colaboraram na política cultural e educacional da Era Vargas. Podemos citar Cândido Portinari, Cassiano Ricardo, Villa-Lobos, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Cyro dos Anjos, Nelson Werneck Sodré, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Rodrigo Melo Franco de Andrade... Que teriam na figura de Gustavo Capanema, Ministro da Educação entre 1934 e 1945, o seu principal interlocutor no governo. (VERSIANI, 2011).

com graça. (...) Pequeno burocrata, Belmiro é vítima e beneficiado a um tempo, de modo que a sua gratidão deve ser melancólica, a sua crítica amena e sua posição incerta (...) A imobilidade, forma negativa de conciliação, é a sua figura final. (SCHWARTZ, 1978, 16, 20).

Mas a “ausência de ação” em *O Amanuense*, tão criticada por Schwartz, pode ser entendida de outras formas. George Lucáks, crítico marxista, por exemplo, tem outra interpretação para diferenciar as correntes estéticas a partir do desenvolvimento ou da suspensão da ação na narrativa. Ele divide em dois grupos os escritores que fariam parte da “literatura burguesa contemporânea”: os escritores realistas, entre os quais inclui Tomas Mann, e os escritores de vanguarda, entre os quais figurariam James Joyce e Kafka. Na literatura realista, “as circunstâncias histórico-sociais” determinariam o destino dos personagens, e as ações do drama irrompem a partir de uma realidade efetiva, pois o mais importante é exatamente a realidade objetiva a ser conhecida. Na literatura de vanguarda, a ação cederia lugar a algo mais rico que a realidade: as possibilidades abstratas do “sujeito que conhece”. Segundo Ananda Nehemy de Almeida, que faz essa referência, “o imobilismo e a atitude intelectual de Belmiro permitem aproximá-lo da corrente literária de vanguarda, trabalhada por Lucáks”. (ALMEIDA, 2010, 61)

O primeiro crítico a contestar com veemência a não existência de reflexões sociais em *O Amanuense Belmiro* talvez tenha sido João Etienne Filho, em artigo para *O Diário*, de Belo Horizonte, em 21 de outubro de 1945. É certo que a classe proletária, o campesinato pobre, os marginalizados dos centros urbanos, não são retratados nem discutidos no livro. Mas está ali, segundo Etienne, todo o drama da classe média, muitas vezes filha de uma aristocracia decadente, que acaba sobrevivendo com um diploma e o salário de um medíocre emprego público. Este é o mundo de Belmiro. Segundo Etienne, “é toda uma classe miseravelmente desamparada que é fixada em Belmiro. É todo um mundo pequeno burguês que se move ao seu redor...” (In: NOBILE, 2009, 2) O autor conclui:

O que há é apenas o seguinte: o livro não quis ser documental, não foi feito com a intenção de servir para a arte social, no mau sentido que tomamos esta expressão. Como toda grande obra, aliás, que quase nunca é feita com o caráter específico de documento, de prova, de testemunho, mas que, justamente por isto, fica como o melhor documento, a melhor prova, o melhor testemunho. (NOBILE, 2009, 2).



Segundo levantamento realizado por Ana Nobile, muitos trabalhos acadêmicos surgiram, a partir de 1983, tendo como foco a análise de *O Amanuense Belmiro* sob a perspectiva social, propositadamente para se contrapor à classificação puramente intimista da obra. (NOBILE, 2009) Dentre eles, um grupo de pesquisadores passou a defender a presença do fator social não como uma força extrínseca à obra, atuando de fora para dentro, mas como um “dato composicional do próprio texto, que o estrutura e internaliza”; ou seja, um fator que “fundamentalmente atua na estrutura interna do romance, de maneira a compor o seu significado” (NOBILE, 2009, 4). A reforçar esta tese, não podemos dizer, por exemplo, que o livro não revela nenhum engajamento ou ação política, se é ele próprio, o diário escrito por Belmiro, que salva o socialista Redelvin e o próprio Belmiro da prisão, na caça empreendida em Belo Horizonte aos comunistas da intentona de 35. Também não é possível dizer que não há nenhuma contestação da ordem social, se a todo tempo as palavras anotadas no diário de Belmiro ridicularizam a vida medíocre dos homens submetidos às regras e convenções, daqueles que se submetem, por exemplo, ao trabalho desprezível de amanuense em uma repartição pública, numa seção de “fomento animal”.

São raros os que chegam à burocracia triunfante, que é aquela em que o espírito se integra no bureau e o homem não é mais do que um conjunto de fórmulas e praxes, ou melhor, é o próprio processo, em forma hierática e cabal. Os mais ficam na burocracia militante e inconformada, recusando-se a por o espírito em função no ofício que lhes parece tão contrário à vocação e preferências. E assinam o ponto com rebeldia na alma e desprezo pelas mãos. (ANJOS, 1975, 28).

Para Luiz Bueno, que escreveu uma história de 700 páginas sobre o romance de 30, esta divisão entre regionalistas e intimistas, ou entre romance social e psicológico, com predominância para os primeiros, traz mais problemas que solução, pois a década de 30 teria assistido a um movimento muito mais complexo, que não pode ser simplesmente caracterizado pela predominância de um gênero ou de outro, nem pela mera classificação de uma obra como intimista ou social (BUENO, 2006). Quanto ao *O Amanuense*, Bueno ensina que se deva desconfiar sempre de um narrador na primeira pessoa, cujas verdades não ecoam simplesmente para mero convencimento do leitor. E assim como Antônio Cândido, que já intuía, em 1945, que esta obra leva a pensar no destino do intelectual, numa sociedade que tenderia sempre a “belmirizar” os intelectuais, Bueno também afirma que *O Amanuense*



*Belmiro* pode ser lido como uma reflexão sobre a intelectualidade. No caso, estaria patente na obra a impossibilidade de isolamento do intelectual, pois no caso de Belmiro, quando este se isola, é justamente para por fim à sua atividade intelectual ou literária, e dar cabo de sua vida no romance:

Tendo verificado que se esgotara minha provisão de papel, Carolino me trouxe esta manhã uma porção de blocos. Sangrou rudemente o almoxarifado da Seção de Fomentos. Providente e providente amigo! Esqueceu-me comunicar-lhe que já não preciso de papel, nem de penas, nem de boiões de tinta. Esqueceu-me dizer-lhe que a vida parou e nada há mais por escrever. (ANJOS, 1975, 187).

Para além da discussão sobre influências e enquadramentos estilísticos, o certo é que a obra *O Amanuense Belmiro*, aqui ou alhures, nos lugares em que puder ser lido, e traduções em muitas línguas não faltam, pertence com todas as qualidades à mais fina literatura romanesca da modernidade. Se quisermos seguir, por exemplo, os critérios de Mikhail Bakhtin para definir o romance polifônico moderno, estágio mais acabado e qualificado do gênero romanesco, os personagens de Cyro dos Anjos possuem todos os atributos necessários a essa classificação. A autoconsciência independente de Belmiro, que faz ecoar, num processo dialógico, as múltiplas vozes de outros tantos personagens e autores, nada fica a dever às características polifônicas dos personagens de um Dostoiévski, autor mais analisado por Bakhtin. (BAKHTIN, 1981) É o próprio Belmiro quem atesta a importância de si mesmo, como personagem, na constituição do romance:

Estive refletindo, esta tarde, em que, no romance, como na vida, os personagens é que se nos impõem. A razão está com Monsieur Gide: eles nascem e crescem por si, procuram o autor, insinuam-lhe no espírito. (...) Na verdade, dentro do nosso espírito as recordações se transformam em romance, e os fatos, logo consumados, ganham outro contorno, são acrescidos de mil acessórios que lhe atribuímos, passam a desenrolar-se num plano especial, sempre que os evocamos, tornando-se, enfim, romance, cada vez mais romance. (ANJOS, 1975, 71).

E se falamos da proximidade do protagonista de *O Amanuense Belmiro* com os personagens de Machado de Assis, sendo muito associado ainda ao Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, porque não compará-lo, talvez ainda com maior propriedade, a outro grande personagem da literatura mundial: o também amanuense Makar Aleksieievitch, do romance

de estreia de Dostoiévski, *Gente Pobre*. Makar, além de amanuense, quer ser escritor, e procura se aprimorar literariamente nas cartas que envia a Várvara, um amor inatingível e não declarado, como um misto das mulheres de Belmiro: Camila, Jandira e Carmélia. Ou quem sabe, pela sua timidez e seus apuros financeiros, Belmiro não se aproxime mais de outro amanuense ilustre, o Akáki Akakievitch, do romance *O Capote*, de Gogol. Pelo menos os esforços desprendidos por este personagem para conseguir adquirir um capote apresentável fazem lembrar as economias a que Belmiro se vira obrigado para a aquisição de um mero par de botinas novas, que lhe desequilibrara “todo o orçamento de um mês”.

### **Lirismo e filosofia, entre o intimista e o universal: o problema fáustico de Belmiro Borba**

Se acompanharmos os passos tímidos de Belmiro Borba, em seu ir e vir pelas ruas de Belo Horizonte; o seu trabalho rotineiro na repartição, seu pudor e recatamento, até mesmo no trato com os amigos, a forma convencional e previsível como age tanto na vida pública como privada, talvez nada encontremos nele que possa despertar um maior interesse social, psicológico, ou mesmo literário, como querem alguns, pela obra. Isto porque toda a força dramática, lírica e social de *O Amanuense Belmiro* não está nas falas e ações do seu narrador protagonista, mas naquilo que sonha ou pensa acerca de si mesmo e do que acontece à sua volta, então materializado com grande vigor poético e filosófico nas páginas do seu diário. Ou seja, são os seus pensamentos, sonhos e divagações filosóficas que constituem, em si mesmos, o próprio romance.

No ensaio citado, de 1945, Antônio Candido fixa como mais admirável na obra de estreia de Cyro dos Anjos o diálogo interno do protagonista, entre o lírico, romântico e sonhador, que quer se abandonar às lembranças do passado, e o analista racional, mas dotado de humor, que ridiculariza o primeiro e o chama à realidade; lembra, no entanto, que às vezes ocorre o contrário: o analista querendo diminuir a uma pura constatação todos os fatos e sentimentos e o lírico chamando-o à vida, à aventura. Para Candido, esta alternância é empregada também como um processo literário, na própria construção do seu estilo, aparecendo capítulo a capítulo, cena a cena. (CANDIDO, 1992). O próprio Belmiro confirma essa visão, e se confessa pasmo ao pensar nas diferenças de nível que lhe ocorrem, “nos domínios da sensibilidade, tão rápidas e súbitas”:

Tais desnivelamentos é que compõem minha vida e sustentam o equilíbrio. A um Belmiro patético, que se expande, enorme, na atmosfera caraibana (...) – sempre sucede um Belmiro sofisticado, que compensa o primeiro e o retifica, ajustando-o aos quadros cotidianos. Chegado à sua toca da Rua Erê, o Belmiro egresso de Caraíbas se apalpa, se reajusta e assobia a fantasia do Hino Nacional de Gottschalk. (ANJOS, 1975, 74).

Seja como for, tanto o lírico quanto o analista não se manifestam senão nas confissões íntimas do diário, nunca na descrição das falas e ações realmente vivenciadas pelo personagem principal. Por isto mesmo cabe tão justamente ao romance a caracterização de intimista ou psicológico. Só que os dramas de consciência de Belmiro Borba não são apenas descritos como devaneios ou angústias pessoais, mas elevados, todo o tempo, a uma discussão universal, relacionados ao próprio drama da existência humana. Assim é, por exemplo, quando Belmiro se refere à forma como o “mito donzela Arabela” estaria preenchendo a sua vida. Depois de afirmar que “o absurdo romantismo de Vila Caraíbas tem uma força que supera as zombarias do Belmiro sofisticado”, fazendo crescer, “desmesuradamente, um Belmiro patético e obscuro”, segue-se a divagação universal: “Mas vivam os mitos, que são o pão dos homens”. (ANJOS, 1975, 20). Ou então em outro trecho, após a decisão pessoal de não mais voltar às imagens de Caraíbas, segue-se a constatação filosófica:

As coisas não estão no espaço; as coisas estão é no tempo (...) E o tempo está é dentro de nós. A alma das coisas, em certa manhã de maio no ano de 1910, ou em determinada noite primaveril, doce, inesquecível, fugiu nas asas do tempo e só devemos buscá-la na duração do nosso espírito. (ANJOS, 1975, 73).

Belmiro é um homem fraco, incapaz de qualquer gesto de maior ousadia, incapaz de qualquer tipo de enfrentamento, incapaz de amar uma mulher, ou expressar de alguma forma este amor. Mas como grande intelectual e filósofo, conhece bem suas deficiências, e as analisa todo o tempo sob os crivos da emoção e da razão. A emoção o remete ao lirismo romântico, à poesia do amor impossível e à nostalgia de um eu subjetivo, maior que o mundo. A razão o faz enxergar, para além das próprias dores e sentimentos, como as mesmas se inserem e se explicam na realidade existencial do ser humano, no próprio drama universal da condição humana. Ambas, emoção e razão, só se realizam plenamente na literatura, na escrita prazerosa de um diário que se transforma no romance da sua própria vida. Aí sim, o homem cresce, se fortalece, e encontra estímulos para seguir vivendo:

Quem quiser, fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela minha salvação. Venho da rua deprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico (...) Em verdade vos digo: o que escreve neste caderno não é o homem fraco que há pouco entrou no escritório. É um homem poderoso, que espia para dentro, sorri e diz: Ora bolas! (ANJOS, 1975, 161).

A inabilidade de Belmiro para qualquer tipo de ação espontânea, para um gesto mais voluntarioso ou expansivo - “Quero rir, chorar, cantar ou destruir, mas ensaio um gesto, e o braço cai, paralítico.” - (ANJOS, 1975, 18) não é exclusiva de sua personalidade, mas uma característica comum a milhões de indivíduos. Mas Belmiro, como todos os que sofrem da mesma timidez, acredita que isto só ocorra consigo: “os outros têm pernas e braços para transmitir seus movimentos interiores. Em mim, algo destrói sempre os caminhos, por onde se manifestam as puras e ingênuas emoções do ser...” (ANJOS, 1975, 18) Acredita emocionalmente, na verdade sente isto. Pois filosoficamente, no papel, sabe bem universalizar o seu sofrimento:

O homem sofre, e o amanuense põe a alma no papel. Eis que o amanuense é um esteta: ao passo que há nele um indivíduo sofrendo, outro há que analisa e estiliza o sofrimento. Talvez fosse preferível ingerir certo vinho capcioso e, sem nenhuma análise, entregar os sentidos à doce música da Bayadera, que a radiola derrama no ar molhado. Mas o homem espia o homem, inexoravelmente. (ANJOS, 1975, 18).

Da mesma forma, o lirismo e a nostalgia que impregnam o protagonista e as páginas do seu diário, afastando-o da realidade, são detectados filosoficamente pelo mesmo como da própria natureza humana. Na verdade, em sua justificativa por manter-se lírico e nostálgico, mesmo em detrimento da ousadia de viver mais intensamente a realidade, o narrador antecede a crítica que seria mais tarde feita ao autor, Cyro dos Anjos, de excessivamente intimista e romântico, em tempos de combate social. E a ela responde, utilizando-se de uma técnica também muito pontuada por Bakhtin, na caracterização do romance polifônico, a réplica antecipada:

Por que esta preocupação de parecer o que não somos? Ponham-me a data de 1830, mas a verdade é que esses sentimentos são de natureza eterna, e é inútil situá-los em outras épocas. Não se pode negar o homem. (ANJOS, 1975, 114-115).

Mesmo incapaz de grandes feitos e ações, em duas ocasiões Belmiro consegue alterar os rumos da realidade. A primeira, quando intercede na polícia para que encontrem o filho

desaparecido de um vizinho, e conseguem trazê-lo de volta. A segunda vez, quando tenta interceder por Redelvin, preso por suspeita de envolvimento nos planos da Intentona de 35. Belmiro então acaba também preso, e o diário é que o salva da prisão, por se confessar nele totalmente apolítico; indiretamente, o diário também colabora para o não agravamento da situação de Redelvin, e sua posterior soltura, pela forma como nele Belmiro se refere ao amigo: “Jamais acreditei no seu ativismo partidário. E ele me parece mais anarquista, que comunista. Um anarquismo lírico, que não dá para atirar bombas nem praticar atentados. Este nosso anarquista tropeçará sempre no coração, que é terno, *malgré lui*.” (ANJOS, 1975, 54)

Mas além dessas ações concretas, que poderiam fazer pensar que o romance também se envereda pelo campo social, os questionamentos sociais ou ideológicos se dariam com mais força, a nosso ver, a partir das elocubrações filosóficas a que se entregam, não apenas o protagonista, mas também os demais personagens. E aí cabe ao leitor o exercício de se distanciar adequadamente da moral dos personagens, para se posicionar livremente em meio ao debate ideológico que se coloca nas páginas do diário de Belmiro Borba.

Belmiro é definido pelo comunista Redelvin como “um cético pequeno burguês que, não por ação, mas por omissão, serve o sistema capitalista” (ANJOS, 1975, 36), e pelo direitista Silviano (apelidado de fascista por Redelvin) como alguém “que não tem o senso da hierarquia e tende para um igualitarismo dissolvente” (ANJOS, 1975, 36). Talvez para aquiescer a crítica dos amigos, Belmiro chega a se definir ironicamente como “individual socialista’. Mas dentro do seu ceticismo radical, filosoficamente interroga: “As ideias da gente podem não comportar-se dentre dessas divisões arbitrárias. Não é possível ser-se tudo, ao mesmo tempo?” (ANJOS, 1975, 86). E confessa um antigo passatempo, revelador de como realmente tudo se revolve, na mente do protagonista, num interminável debate filosófico: “procurar, no tocante a dado conceito, igual número de argumentos, da mesma força, a favor ou contra” (ANJOS, 1975, 37). Diz jamais ter encontrado “algum cujo contrário não pudesse ser também defendido”. (ANJOS, 1975, 37)

Ideologicamente, o leitor, e os críticos, não precisam se satisfazer com o ceticismo de Belmiro. Os demais personagens também revelam, através da narração do protagonista, características psíquicas e ideológicas independentes e relevantes. Se quiser, o leitor pode se contaminar pela filosofia nebulosa do professor universitário Silviano, cuja retórica é capaz de emitir juízos diversos e igualmente confiáveis sobre os mais diferentes assuntos; pode admirar

a jovialidade, esperteza e as “tendências aristocráticas” de Glicério; pode se apaixonar pela socialista, emancipada e sensualíssima Jandira, “na força da carne”, cujas formas, quando “fielmente modeladas pelo vestido”, “não eram propícias a pensamentos castos” (ANJOS, 1975, 31); pode invejar o *bon vivant* Florêncio, para quem um bom copo de chope sempre resolve todos os problemas; ou pode se identificar com o revolucionário marxista Redelvin, a quem Silviano acusa de ter se esquecido de que “Marx saiu de Hegel, e Hegel, de Kant! E que em Kant a gente encontra de tudo, a favor e contra!” (ANJOS, 1975, 130). E mais: pode se identificar com Redelvin, tanto pelas suas ideias anteriores quanto posteriores à sua prisão, quando então passa a repensar as estratégias da luta revolucionária. Num momento em que ainda não havia uma compreensão maior, nem entre os socialistas mais independentes, dos estragos do stalinismo para a ideologia marxista, Redelvin confessa:

Meditara bastante sobre o conflito entre Trotsky e Stalin, e perguntara a si próprio se a ação de Stalin terá um sentido apenas particular e episódico ou, pelo contrário, exprimirá uma impossibilidade de realizar-se, na íntegra, a ideia marxista. Depois de pensar maduramente, achou também que o Brasil não está suficientemente preparado e ainda não surgira a equipe que poderia organizar a pós-revolução. Por isso, vai abster-se da ação e será apenas um espectador, até quando lhe convier (ANJOS, 1975, 149).

Defender que em *O Amanuense Belmiro* não se coloca a discussão política e ideológica travada naquele momento no mundo e no Brasil, é simplesmente uma confissão de não ter lido com atenção a obra. Ou a ter lido procurando encontrar substância social e ideológica em ações dramáticas, quando ela só existe na força da abstração das indagações filosóficas dos seus personagens. Não por isto, obviamente, deixa de existir na obra. Algumas vezes o pobre Belmiro chega a quase subverter o bem humorado ceticismo característico da sua personalidade, como a antever a crítica posterior à obra, numa réplica antecipada. É o caso, por exemplo, quando afirma de forma incisiva e insistente, como para deixar oficialmente registrado:

Escreverei também que não me falta simpatia humana e muito me preocupam os males do mundo. A injustiça social me dilacera a sensibilidade. Mas há, em mim, escrúpulos de espírito e de sentimento que não aceitam radicalismos revolucionários. E há, sobretudo, uma contínua suspeita de que é desconhecer a natureza do homem, pretender discipliná-lo com teorias rígidas... (ANJOS, 1975, 109).

Certezas, definições e verdades absolutas, o leitor jamais vai encontrar nesta obra. Porque o protagonista narrador é simplesmente a antítese das verdades, certezas e definições. Tudo nele é dúvida, por isto filosofia. Como bem estudou Dulce Maria Viana, no ensaio *A Consciência Trágica (reflexões sobre o intelectual personagem)*, a característica principal do personagem Belmiro é justamente a indefinição. (VIANA, 1985) No campo amoroso, nunca se decide entre a lembrança platônica de Camila, o alimento do mito de Arabela, a luta pelo amor de Carmélia ou a entrega aos desejos aflorados pela sensualidade de Jandira; como escritor, não se decide por escrever um livro de memórias, um diário, ou um romance a ser publicado; esteticamente oscila entre o lirismo, o ardor emocional, e as observações racionais e filosóficas; filosoficamente, gangorra entre o entendimento pessoal dos seus dramas psicológicos e a universalidade do próprio drama da existência humana; politicamente, acusado tanto de pequeno burguês quanto de adepto do igualitarismo, adota a confortável e indefinida posição de individual-socialista, na verdade um cético de todas as doutrinas.

Se existe algo que possa expressar uma síntese de *O Amanuense Belmiro*, uma definição do grande eixo sobre o qual gira o enredo da narrativa, isto só vamos encontrar na expressão que o personagem Silviano usou para definir o verdadeiro problema de Belmiro, recorrendo à obra de Goethe: tudo se reduziria a um “problema fáustico”, ou seja, ao estrangulamento do amor e da vida pelo conhecimento, pela filosofia. Este é o grande dilema do personagem Belmiro; esta é a história contada nas páginas do seu diário; esta a grande síntese estética do romance de Cyro dos Anjos. Por isto intimista e psicológico. Por isto abstrato no trato das questões sociais. Por isto uma grande homenagem à arte da literatura, já que o “problema fáustico” só se resolve, em última instância, porque o amor e a vida encontram a liberdade nas páginas de um diário, na tinta que mancha de poesia as folhas trazidas pelo “providente amigo” Carolino.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANJOS, Cyro dos. *O Amanuense Belmiro*. 8 ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1975.

ALMEIDA, Ananda Nehemy. O leitor de diários e a recepção crítica de *O Amanuense Belmiro*. *Revista Criação & Crítica*, n. 4, p. 52-58, 2010.



**RECORTE – revista eletrônica**  
**ISSN 1807-8591**  
**Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura / UNINCOR**  
**ANO 8 - N.º 2**

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética em Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

BUENO, Luis. *Uma história do romance de 30*. São Paulo/Campinas: EDUSP/UNICAMP, 2006.

CANDIDO, Antônio. Estratégia. In: *Brigada ligeira*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 79-85.

CANDIDO, Antônio A revolução de 30 e a cultura. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p.181-198.

ETIENNE FILHO, João. Ao lado do amanuense. *O Diário*, Belo Horizonte, 21 out. 1945.

FÁVERO, Afonso Henrique. *A prosa lírica de Cyro dos Anjos*. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

NOBILE, Ana Paula Franco. *A Recepção crítica de O Amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*. São Paulo: Annablume, 2005.

NOBILE, Ana Paula Franco. Uma outra história para Cyro dos Anjos. [www.interletras.com.br](http://www.interletras.com.br) – v. 2, n. 4 – jan./jun. 2006.

NOBILE, Ana Paula Franco. Cyro dos Anjos: a outra face de uma mesma moeda. *Maringá*, v. 31, n. 1, p. 000-000, 2009. Acessado pela internet: [www.fundec.edu.br/unifadra/letras/artigos/artigo1.pdf](http://www.fundec.edu.br/unifadra/letras/artigos/artigo1.pdf). Acesso em 5/1/2012.

SCHWARZ, Roberto. Sobre O amanuense Belmiro. In: *O Pai de Família e outros estudos*, Rio: Paz e Terra, 1978.

SENNA, Homero. *República das letras*. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

VERSIANI, Carlos. Um novo olhar sobre o DIP: uma revolução na arte da propaganda e do marketing cultural. In: PAVAN, Maria Ângela e FISCHER, Luciana. *Alternativas, Mídias e História da Comunicação Persuasiva e Institucional*. Piracicaba: Degaspari, 2011, p.255-269.

VIANA, Dulce Maria. *A Consciência Trágica (reflexões sobre o intelectual personagem)*. Fortaleza: Secretaria de Desporto, 1985.